

**PAREAMENTO TECNOLÓGICO:
APROXIMANDO TECNOLOGIA E LETRAMENTOS INDÍGENAS PARA
VITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL KYIKATÊJÊ**

**TECHNOLOGICAL PAIRING:
APPROACHING TECHNOLOGY AND INDIGENOUS LITERACIES FOR
VITALIZATION OF THE KYIKATÊJÊ CULTURAL MEMORY**

**Áustria Rodrigues Brito¹
Adson Paulo M. da Paixão²**

Resumo: O presente artigo faz parte do projeto de extensão intitulado “Formação de Professores e Assessoria Linguística e Literária na Escola Estadual de Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio *Tatakti Kyikatêjê*”, que está em sua segunda versão, coordenado pela Profa. Áustria Brito. Nosso subprojeto, aqui apresentado, objetiva utilizar o método de pareamento tecnológico para produção de materiais audiovisuais (DVD) que vão subsidiar os professores indígenas e não indígenas a desenvolverem suas atividades de tradição e cultura Kyikatêjê na escola. O recurso material tecnológico visa auxiliar professores indígenas e não indígenas em suas aulas, além de ser também um registro das memórias da comunidade Gavião, com vistas à vitalização das tradições culturais.

Palavras-chave: Pareamento tecnológico; letramentos sociais; produção audiovisual.

Abstract: This paper is part of the extension project titled "Teacher Training and Linguistic and Literary Assessment at State School of Indigenous State School of Primary and Secondary Education *Tatakti Kyikatêjê*", which is in its second version, coordinated by Profa. Austria Brito. Our subproject, presented here, aims to use the method of technological pairing for the production of audiovisual materials (DVD) that will subsidize indigenous and non-indigenous teachers to develop their activities of tradition and culture Kyikatêjê in school. The technological material resource aims to assist indigenous and non-indigenous teachers in their classes, as well as being a record of the memories of the Gavião community, with a view to vitalizing cultural traditions.

Keywords : Technological pairing; social literacies; audiovisual production

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), professora e coordenadora do Mestrado Profissional em Letras na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PROFLETRAS/UNIFESSPA). É membro do Conselho Consultivo do GELNORTE (Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte). E-mail: austria@unifesspa.edu.br

² Bolsista Pibex, graduando em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. adson@unifesspa.edu.br

Introdução

O Projeto de Assessoria Linguística e Literária visa contribuir para a produção de material didático para uma escola indígena, mais precisamente a que contempla a instalada na Terra Indígena (TI) Mãe Maria, localizada no Km 25 da BR 222, município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Pará, numa área de 62.4888,4516 ha, denominada Kyikatêjê Amtàti, popularmente conhecidos como índios “Gavião”, integrando o grupo Timbira, sendo, portanto, a língua considerada da família linguística Jê-Timbira. Os contatos da comunidade com não indígenas vêm se intensificando nos últimos tempos, desde a abertura da PA-150 na década de 1970, culminando com a passagem da Estrada de Ferro Carajás e com a instalação da Linha de Transmissão da Eletronorte na década de 1980, que promoveram impactos ambientais na área e impactos socioculturais na vida da aldeia (cf. FERNANDES, CARDOSO e SÁ, 2008; BELTRÃO, 2002). Na perspectiva linguística, é de se pensar que as situações de contato podem ter trazido interferências as mais diversas, que poderiam inclusive ameaçar a permanência da língua originalmente falada por esse povo, pois “o desaparecimento de línguas acarreta prejuízo de toda ordem nos âmbitos individual e coletivo, porque a língua identifica, caracteriza e qualifica um indivíduo ou uma comunidade humana” (LUCIANO, 2006, p. 22).

Sabe-se que muitas das línguas indígenas outrora faladas no Brasil já desapareceram ou estão em estágio de obsolescência, havendo inclusive povos que não falam suas línguas originais. Nesse sentido, Fernandes, Cardoso e Sá (2007, p. 10), afirmam que “Dentre os impactos socioculturais, o que mais tem preocupado o povo Kyikatêjê é o enfraquecimento da língua materna em função da introdução de novos hábitos culturais e de consumo [...]”. Essa preocupação tem levado a busca de estratégias que tem por objetivo a apropriação de conhecimentos e dos valores próprios da identidade Kyikatêjê.

Sob esse aspecto, o projeto iniciado em 2016 visou contribuir para a elaboração de materiais didáticos que ajudassem os Kyikatêjê a fortalecerem o uso de sua língua e cultura na comunidade. Com relação a essa nossa meta, gostaríamos de salientar que, apesar dos contratempos, como luto e disponibilidade da comunidade, conseguimos iniciar as formações e oficinas na escola com os professores indígenas e não indígenas e com a comunidade, com vistas à produção de material didático, de forma que estes pudessem intensificar a manutenção da identidade indígena, fortalecer a vitalização linguística no seio da comunidade a partir de ações pensadas pela própria comunidade tendo como objetivo central a salvaguarda de sua

língua. No caso da escola indígena Kyikatêjê, esse desafio se manifesta concretamente na luta pela valorização da cultura indígena e, ao mesmo tempo, na necessidade de se garantir aos alunos indígenas conhecimentos próprios de outro modelo civilizatório com os qual esses alunos devem, em maior ou menor medida, conviver.

Nosso projeto, agora em sua segunda versão, objetiva a produção de materiais audiovisuais (DVD) e a preparação de um *e-book*, de modo que o pareamento tecnológico³ possibilite contribuir com os professores indígenas e não indígenas durante a realização de suas aulas na escola Kyikatêjê. Consideramos ainda que o referido material servirá para reforçar o ensino de língua indígena na comunidade e na escola. O DVD, de que mais adiante vamos apresentar alguns recortes de imagens de sujeitos colaboradores e pesquisadores da aldeia Kyikatêjê, está em fase de edição. Reunimos nesse DVD uma grande parte do acervo cultural da comunidade – gastronomia, artesanato , brincadeiras , festas culturais – , para que essas atividades também venham a auxiliar nas atividades de vitalização da língua.

Esperamos contribuir de forma significativa na formação de professor - pesquisador indígena Kyikatêjê, sobretudo na construção dos materiais já supracitados e outros que ainda precisam ser construídos (livro de linguagens e literatura indígena, ainda em fase de coleta de atividades e registros), pois, certamente, todo este material pode ajudar a comunidade no fortalecimento da língua indígena como segunda língua, pois de acordo com Brito (2015, p.164) “já há um interesse da comunidade Kyikatêjê quanto ao ensino da língua indígena Jê como segunda língua”. A autora ainda ressalta que também existe o esforço da comunidade no sentido de “avivar suas tradições culturais”.

1 Sobre as novas tecnologias e pareamento tecnológico

O contexto em que vivemos é marcado pelas rápidas transformações, as quais têm nos proporcionado rapidez e imediatismo por diferentes modalidades de acesso. Dessa maneira, a modernidade nos colocou diante de um leque de possibilidades de construção e manipulação

³ É uma das especialidades do laboratório de tecnologia Media Lab/UNIFESSPA que, aproveitando-se do contexto amazônico de sua localização, aproxima os letramentos indígenas da tecnologia por meio da produção materiais audiovisuais (documentários, *e-books* etc.).

de conhecimento, proporcionando-nos a apropriação dessa multiplicidade de linguagens em diferentes âmbitos da vida social. Além da dinamicidade que essas novidades nos propiciam, também trazem benefício para acessibilidade de arquivos e documentos, que antes era de difícil manuseio, correndo risco de extravios ou perdas em consequência das formas de produção e armazenamento.

No âmbito acadêmico, faz-se relevante, portanto, compreender a abordagem de novos métodos, haja vista que a introdução de novas tecnologias traz mais praticidade a atividade científica com obtenção de uma maior densidade de informações, dando suplemento na busca de resultados. Sabendo da potencialidade da tecnologia, não se pode ser indiferente aos seus benefícios no fomento para com a ciência, compreendendo que novos métodos podem contribuir, e muito, na construção do saber empírico e científico, contribuindo a tecnologia como instrumento de pareamento para a resistência epistêmica.

Nesse contexto, a presente pesquisa, por meio do método pareamento tecnológico, tem por objetivo a produção de materiais audiovisuais que visam aproximar os letramentos indígenas da tecnologia, instrumentalizando-os com objetivo de serem usados para o diálogo multicultural entre universidade, pois se trata de uma pesquisa de cunho científico.

2 Metodologia

A priori, a análise parte do caráter bibliográfico, com ênfase em leituras de teóricos que nos auxiliam como subsídio para pesquisa, pois, segundo Santos (1990, p.173), a pesquisa bibliográfica é um estudo exploratório que delimitará o assunto, formulando problema e propondo um tema. Nesse sentido, a presente pesquisa ocupou-se de leituras que contribuiriam para o fomento da mesma, ajudando a entender as percepções locais do sujeito e sua relação com a cultura, sobretudo sua língua. Esta, segundo Brito (2015 p.39) pautada em Sodré (2011), não está dissociada daquela, uma vez que a língua é um constructo social que reflete a cultura e identidade do sujeito. Foram então mobilizados nos estudos iniciais os teóricos Brito (2015) Street (2014), Geertz (2001), Rojo (2009), Fernandes (2010) dentre outros.

Ao mesmo tempo, nossa pesquisa é de caráter etnográfico, visto que o pesquisador parte para um intenso trabalho de campo na observação dos fatos e diálogos com a comunidade. Para tanto, cabe ao pesquisador ser participante no constructo do conhecimento, haja vista que o mesmo terá que interagir com a comunidade ou com os sujeitos da pesquisa.

Na fase da observação, valemo-nos do aparato tecnológico como câmeras e gravadores para a gravação dos momentos de cultura e da conversas com os sujeitos colaboradores. Por fim, passaremos para a edição do material com o as dados coletados, os quais serão organizados por eixo temático (corrida da tora, canto e dança, berarubu e pintura corporais). Para isso, será utilizado o laboratório de tecnologia Media Lab/UNIFESSPA, localizado na unidade III, no Núcleo Cidade Jardim.

3 O que entender por letramentos para a presente pesquisa?

Tendo em vista a particularidade desse trabalho, é importante salientarmos as abordagens de Brian Street, o qual entende letramentos como práticas encaixadas em determinado contexto, visto que as pessoas não são “tábuas rasas” como muito em alguns casos se pensa, à espera de um letramento inaugural (STREET, 2014, p. 31). O autor critica a visão estreita de um letramento ocidentalizado, que, anteriormente, reduzia os sujeitos ao papel da aquisição de mera habilidade letrada, mascarando seu conteúdo ideológico⁴. A nova visão apregoada por Street reconhece as multiplicidades de práticas letradas que existem nos mais variados grupos sociais, não pressupondo um letramento único. Destarte, a oralidade entra no panorama dessa nova visão, que se comprovou por meio de estudos antropológicos, constando-se que a autorreflexão e o pensamento crítico também são encontrados nas sociedades em contexto supostamente não letrados (STREET, 2014).

Para tais conclusões, foi preciso abandonar a perspectiva dicotômica sustentada por vários estudiosos que colocavam oralidade e escrita em polos opostos. Essa perspectiva dicotômica representava o desenvolvimento de uma autoconsciência crítica ou a capacidade para lidar com conceitos mais abstratos no que concerne as atribuições do letramento, sem levar em conta a possibilidade de promoção social no plano individual⁵. Ao mesmo tempo, partia do pressuposto de que os sujeitos implicados estariam na escuridão da ignorância, com consequência falta de consciência crítica. Em síntese, a oralidade tratava-se apenas da linguagem em estágio de caos, onde o sujeito sem a tecnologia da escrita estavam fadados a serem estigmatizados pela sociedade.

⁴Podemos exemplificar o plano ideológico desenvolvimentista do letramento durante o ano de 1990, cujo objetivo era erradicar o analfabetismo a considerar este como principal responsável pelas mazelas da sociedade.

⁵Aquisição do letramento era atrelado a possibilidade de progresso econômico e social.

Nos tempos coloniais, as sociedades não europeias desprovidas de letramentos ocidentais eram vistas, por causa disso, como carentes de racionalidades, lógica etc., tanto como todos sociais quanto em termos de indivíduos que compunham tais sociedades. Seus rituais e suas crenças eram vistos como prova de que eram “acientíficas” e incapazes de reflexão distanciada sobre seu modo de ser. (STREET, 2014, p. 92)

Assim, a nova perspectiva que se delineia, em vez de “letramento” em sentido único, é a dos “letramentos” em sentido plural, pois, o olhar apurado antropológico de pesquisadores, assim como Street, reconhece a relevância dos contextos para suas pesquisas. Para alcançar tal objetivo, propomos uma abordagem de pesquisa etnográfica, focalizando detalhes precisos do contexto social dos sujeitos, precavendo-nos de recair na visão tradicional de letramento, antes preconizada. É nessa perspectiva que apoiamos o presente trabalho, pois entendemos que, a partir do aporte teórico supracitado, a valorização dos letramentos indígenas constrói-se, retificando Rojo (2009, p.100), a partir da concepção de identidades fortes, que como tal demandam o empoderamento dos seus agentes sociais em sua cultura local.

3 Locus, letramentos e sujeito colaboradores da pesquisa

Como já salientado, a presente pesquisa ocupou-se de acompanhar e registrar a realidade biossocial da comunidade no que refere a coletas de dados para edição, a priori, do DVD. Portanto, ao pesquisador cabe todo o cuidado na produção do material a fim de não cair numa visão etnocêntrica e, desse modo, deve colocar o material sob a ótica dos sujeitos, à luz dos letramentos locais. Para tanto, baseado nas abordagens de Street (2014) em torno do que ele define como letramentos sociais, foram consultados⁶ os professores bilíngues para que dessem assessoramento nesta pesquisa, visto que são suporte da memória cultural *Kyikatêjê* para que os saberes continuem sendo propagados. Ressaltamos, assim, a orientação de Street, quanto ao papel de sujeitos na cultura:

Na cultura merina, o conhecimento era validado por meio de sua transmissão de uma geração para outra. Os anciãos passavam conhecimentos aos mais jovens e, ao mesmo tempo, afirmavam sua autoridade política sobre aqueles a quem o conhecimento era transmitido. (STREET, 2014, p. 49)

⁶Cada eixo temático do DVD, o sujeito indígena explicará sobre determinada cultura.

Por conseguinte, não se trata de mera transmissão de conhecimento, mas, por meio de tais atitudes, afirmar autoridade política desses sujeitos. Isso só é possível pelo grau imbricação do sujeito, nótório saber, em seu meio (*locus*), tal como se constatado pela riqueza de sua memória cultural, conferindo prestígio por essa sociedade ao continuar sendo propulsor da vida social de seu grupo, estabelecendo vínculos deste com passado para afirmação de identidade. A compreensão de tal aspecto só é possível se entendermos os processos ideológicos em que os sujeitos estão imersos. Sob essa perspectiva, na figura 1, registramos as ações de uma professora indígena.



Figura 1- Entrevista com “Mamãe Grande”, a índia mais velha do povo Gavião.
Foto de Adson et al, junho de 2017.

4 Registro dos momentos

A realização das festas e brincadeiras da cultura *Kyikatêjê*, segundo Fernandes (2010, p. 66), obedece aos núcleos cerimoniais que são indicadas pelos mais velhos do grupo. Estas são compostas pelos elementos culturais como pinturas corporais, corrida de tora e canto e dança, acompanhado pelo maracá. Para cada brincadeira, há sempre um grupo cerimonial. São estes os Arara, Gavião, Peixe, Lontra e Arraia. Realizada sempre no pátio da aldeia, as brincadeiras

contêm atividades e elementos que são comuns a determinado grupo cerimonial, por exemplo, os cantos e danças se diferem de acordo com o grupo, como nos explicou *Jose Aianã Kaktyti Prarpramre*⁷, um dos notórios saberes.

A seguir, vamos descrever duas tradicionais brincadeiras na aldeia *Kyikatêjê* (jogo da flecha e a corrida de tora), as quais pudemos acompanhar, registrando seus momentos. Tivemos o grandioso privilégio de estarmos presentes nesse grande cerimonial que foi realizado nos dias 23, 24 e 25 de junho de 2017, durante o evento em que foram apresentadas as festas de tradição cultural (festa do peixe, da arraia e da lontra) que ocorriam na comunidade desde a década de 60 nas aldeias *Parkatêjê* e *Ladeira Vermelha*.

No dia 24, as equipes, com os competidores pintados a caráter, seguiram para o acampamento para o jogo da flecha. O jogo era dividido nas equipes peixe, arraia e lontra com cada participante responsabilizando-se na confecção dos seus próprios arcos e flechas. As flechas eram produzidas sem limite de quantidade, ficando a quantidade a critério do membro da equipe, como explicado por *Rikpàrti Kôkaprôti*⁸, um dos sujeitos reconhecidos como de notório saber.

Os participantes do jogo lançavam suas flechas num raio de aproximadamente 100 metros. Logo após, cada qual procuravam as mesmas no perímetro que haviam lançado. Causava-nos surpresa, pois, no meio de tantas outras, os jogadores sabiam qual exatamente era a sua. Depois, *Pempti Kokaproti Jonkahynti*⁹, notório saber e jogador experiente, explicou-nos que, por ser cada um que produzia a sua flecha, tinha sempre um acabamento ou alguma diferença na confecção que as diferenciavam uma das outras.

⁷ Professor de Língua na modalidade oral.

⁸ Único professor notório saber que fala e escreve na Língua Indígena. Atualmente, cursando Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Sudeste do Pará – UNIFESSPA.

⁹ Professor notório saber na modalidade oral. Suas aulas são no acampamento ensinando aos mais jovens fazer flecha e correr tora.



Figura 2 – Índios mais velhos e de notório saber, no acampamento, praticando o jogo da flecha.
Foto de Adson Paixão. Junho de 2017.

No dia 25, as expectativas estavam centradas na tradicional corrida de tora. Desde cedo, chegavam indígenas de várias aldeias vizinhas, pessoas vindo de várias cidades – muitos parentes dos moradores da comunidade – e jornalistas para presenciarem o momento mais aguardado da festa. A concentração dos competidores foi no acampamento, onde todos se preparavam ansiosamente para competição. Entre os competidores, podemos notar pessoas várias idades, desde os mais jovens a partir de 18 anos até competidores um pouco mais velhos, na faixa de 40 a 50 anos.

O momento é chegado, porém antes, os velhos que estavam presentes, tomam a palavra e falam sobre a importância de preservar a cultura e a tradição *Kyikatêjê*, expressando suas satisfações por viverem um momento de manifestação cultural tão importante. Ressaltaram que é preciso preservar não somente num momento de festa, mas vivenciar em seus cotidiano.

Dá-se a largada a competição com as toras colocadas sobre os ombros dos competidores de cada equipe enquanto que os outros ajudam a segurá-la. Calcula-se que pesam aproximadamente 100 kg. Os atletas são bem ágeis quando manuseiam as toras e, no decorrer da disputa, sempre revezam com seus companheiros, porém não deixam de ajudar no equilíbrio

enquanto o outro está com a tora no ombro se locomovendo. No final da emocionante competição, com vitória da equipe Peixe, as mulheres e parentes dos atletas jogam neles água para refrescá-los do calor da competição, deixando-os um pouco menos exaustos.



Figura 3 – Tora pronta para competição.
Foto de Calebe Dantas. Junho de 2017.

5 Análises a partir das observações das imagens da cultura e das falas do sujeitos

O presente tópico buscará analisar os significados das culturas por meio da observação das imagens e principalmente das falas dos sujeitos. Nossos colaboradores para o presente trabalho são *Rikpàrti Kôkaprôti*, professor de cultura e língua indígena, o único na comunidade que fala e escreve, e *Ajanã Kaktyti Prarpramre*, professor de cultura na modalidade oral. Com estes gravamos uma conversa que tem como direcionamento, *a priori*, a observação das imagens coletadas, deixando-os os livres e à vontade para falarem, uma vez que não queríamos criar o contexto formal de entrevista e, desta maneira, priorizando todo momento de condições de produção.

Começaremos abordando a corrida de tora, porém focalizando a preparação do corredor, as etapas dessa preparação, desde a incorporação hábitos do cotidiano, os treinamentos físicos, que começam a partir de 10 anos de idade, até o momento em que esse atleta está totalmente formado e apto para a competição.

No segundo momento, abordaremos o jogo da flecha, focalizando em que momento se dá a competição, o material com que se produzem as flechas até organização das equipes (Arraia, Peixe e Lontra).

Por último, ocupar-nos-emos do berarabu, iguaria típica da culinária Kykatêjê, focalizando desde a caça (animal capturado), a forma de preparar e, por fim, o modo de colocar a massa de macaxeira em camadas e envolta da folha de banana braba, quando, finalmente, é colocada para assar.

As imagens dos momentos de cultura foram registradas no mês de junho/2017, período da realização da festa Arraia, Peixe e Lontra descrita acima. A conversa com os sujeitos foi produzida no mês de outubro/2017, pois levamos em consideração a disponibilidade do sujeitos, tendo em vista que algumas vezes encontravam-se ocupados com seus afazeres cotidianos. Dessa maneira, respeitamos seus tempos de disponibilidade.

É importante ressaltar os desafios e imprevistos inerentes a qualquer pesquisa de campo. Nesta, contamos com apoio dos professores indígenas e não indígenas da aldeia que, com seus carros, ajudaram-nos com a locomoção de Marabá ao Km 25, onde é localizada a comunidade.

5.1 Análises



Figura 4- Ajanã, notório saber, relatando sobre a competição da tora.
Print retirado do Projeto Indígena.

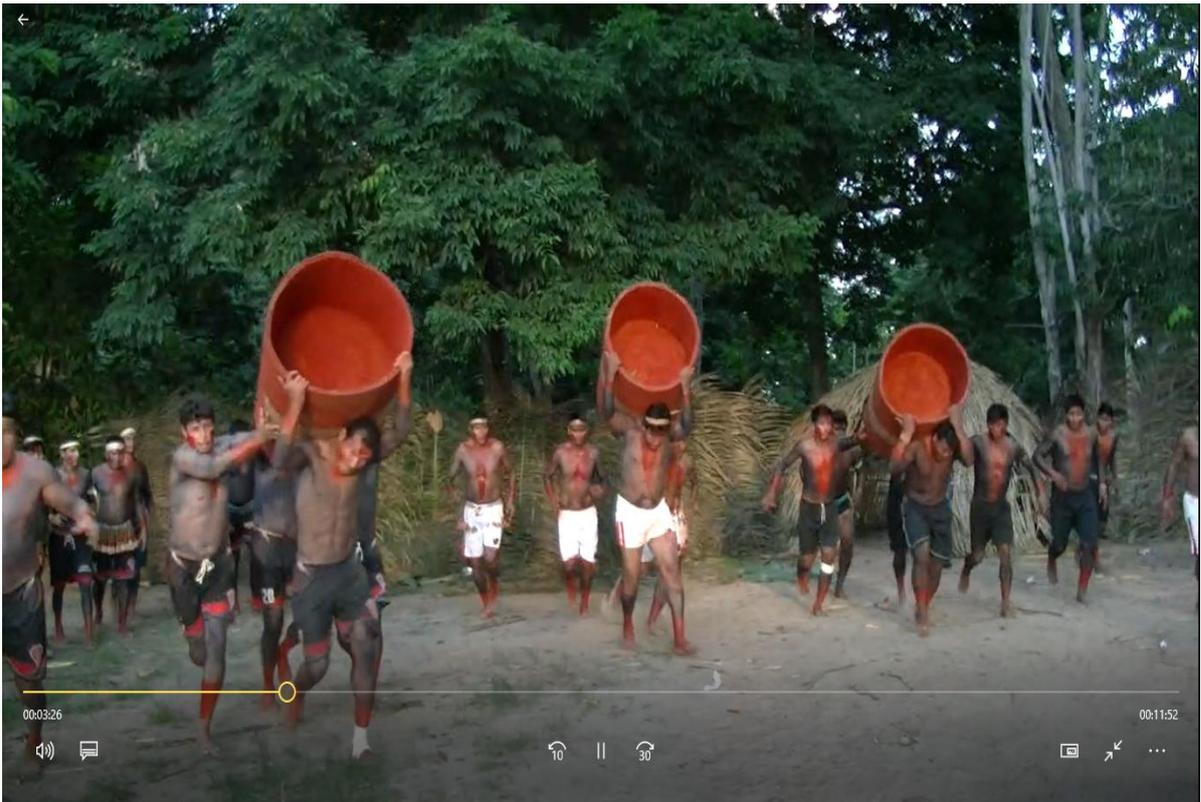


Figura 5 – Atletas na largada da competição da corrida de tora.
Print retira do Projeto Indígena (DVD).

As imagens (figuras 4 e 5) acima são *prints* do vídeo (DVD), o qual chamaremos no dado momento de “Mostra/ recorte de parte do DVD”, pois é passível a melhoramentos no que diz respeito à edição. O segundo motivo da designação de é que estes recortes serão apenas algumas mostras até as futura objeções dos sujeitos Kyikatêjê, quando lhes forem apresentado o material. Daremos ênfase à primeira imagem que foi da gravação do relato da conversa com notório saber *Jose Ajanã Kaktyti Prarpramre*, abordando as etapas da preparação do corredor de tora. A primeira etapa do relato diz respeito à separação dos filhos com intuito de formar corredores.

A mãe e o pai né? Com seus filhos né? É o maior cuidado... mas, pra que eles tinha maior cuidado? Pra ser um grande corredor. Então o que é que a mãe fazia? A mãe tinha um banco né? Banco é mais palha de coqueiro... pra ele. A esteira também era dele. Então daquilo, ninguém podia se sentar. Só podia se sentar só ele. Quando alguém fosse se sentar, a mãe impedia. A mãe dizia “não pode sentar que é do meu filho” . Então quando o filho levantava ela pegava e pendurava né? Tudo isso era cuidado dos mininos. Não pode se sentar em qualquer cadeira. Nem a criança ele pode pegar, nem as meninas sentar no colo dele. Ele não aceita. E a comida e? vamos supor... se ele for comer, tem o horário certo pra comer. E só vai beber depois de uns vinte e cinco minutos (...).

AJANÃ , José Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), 2017.

No relato de Ajanã, são explícitos os cuidados dos pais com seus filhos para que estes se tornem bons corredores de tora. Percebemos que um atleta corredor de tora não se forma sem que as devidas prescrições sejam seguidas. Os pais devem direcioná-los, acompanhando suas rotinas para que os respectivos cuidados sejam tomados. Continuando o relato, destacamos os cuidados com seus acentos e outras atitudes que devem ser evitadas como carregar crianças e meninas para sentarem no colo. Por fim, temos a atenção com a hora da alimentação e água a ser ingerida após o tempo prescrito.

No relato seguinte, temos o início do treinamento físico, ao qual um potencial corredor é submetido.

(...) de dez anos começava a praticar né? Não incomodava se chegava por ultimo, mas ele estava competindo na carreira. Então ele ia lá... vamos supor... porque naquele tempo não existia metragem quantos quilômetros corria, mas... Ele sabia a distancia. Era de vinte a vinte cinco quilômetros. Então, o menino quando começava a correr... ele ia lá e de lá ele voltava. Só fazia aqueles que tinham vocação. Não era como qualquer um. Não adiantava ir pela influência que assim não vai. Então ele tinha vocação pra aquela corrida. Ele ia e marcava “daqui eu voltei”. Na outra repetição, ele corria, já passava da onde ele voltou. Assim na terceira, ele chegava mais próximo. Na quarta, na quinta, na sexta, na sétima, na décima, ele chegava na tora, junto com o corredor. Aí quando voltava junto com o corredor de novo, aí os povo começavam a comentar pr’os outros meninos (...)

AJANÃ , José Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), 2017.

Observamos que, além dos cuidados tomados pelos futuros corredores, estes também são submetido a um rigoroso treinamento físico. O relato de Ajanã informa que os homens desde bem jovens praticavam a corrida sem se preocuparem quanto a quem chegava por último, pois o objetivo do exercício era preparar o corpo para as futuras competições. Dado curioso também no relato é que, no seu tempo, eles não tinha conhecimentos da unidade de medida de distância, mas, mesmo assim, demarcavam o local. Por conseguinte, faziam o mesmo percurso, contudo iam mais longe e, assim, demarcavam novamente o local de seus retornos. Dessa

meneira, percebemos que, nessa preparação, há ultrapassagens de níveis ou estágios até chegar a uma dada distância que, simbolicamente, significa que já estejam preparado para acompanhar os corredores de tora veteranos.

Percebemos também que, assim como qualquer outro atleta, o corredor de tora precisa ser vocacionado, uma vez que não adiantaria querer ser corredor de tora simplesmente por influência da família ou demais membros da comunidade. O treinamento, portanto, visava somente a quem tivesse vocação para corredor.

Dado todo esse treinamento, os futuros corredores passarão para última etapa da preparação. O estágio seguinte tem em vista o ingresso destes atletas na competição com corredores mais veteranos.

(...) aí quando chegasse aos dezoito anos... por aí. A primeira mulher com quem ele quer relacionamento, tem que ser com uma mulher de... quarenta a sessenta anos né pra poder ter início de corredor. Porque a primeira mulher mais velha da idade dele que ele for se meter aí pronto... ele pode correr. O tempo todo a carreira dele. Quando tiver quarenta e cinco anos tá sendo um corredor sempre.
AJANÁ, José Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), 2017.



Figura 6 - Professor Rikpàrti Kôkraprôti explicando sobre o jogo da flecha.
Print retirado da Mostra do DVD ainda em fase de edição.

A partir do relato, percebemos que, para tal ingresso é preciso que os atletas passem por essa última fase, pois ela garante a longevidade nas competições, sendo o fechamento do ciclo de preparação. Agora, os atletas estão preparados, segundo Ajanã, para competir sem perda do vigor físico por muito tempo.

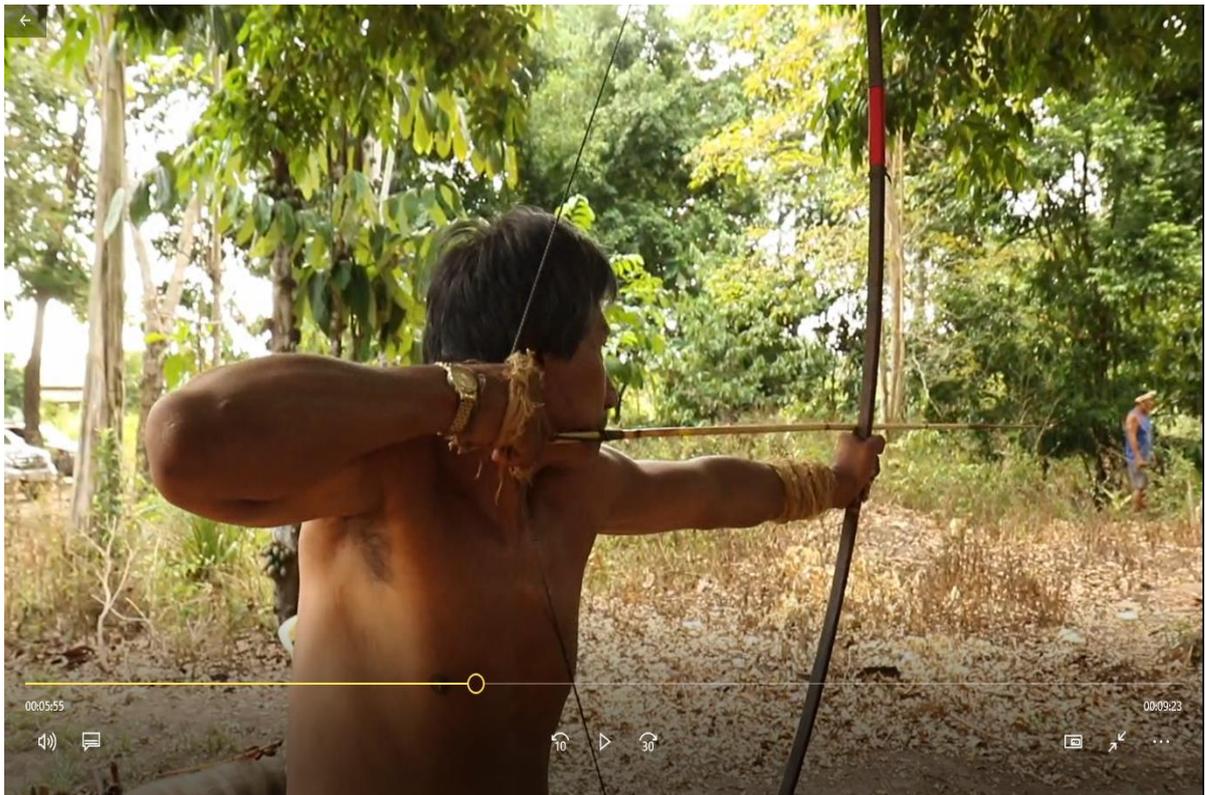


Figura 7 - Jogador na competição de flecha mirando o alvo.
Print tirado da Mostra do DVD. Imagem cedida por Madson.

Passaremos para as abordagens que dizem respeito à competição da flecha. Para tanto, contamos com a disponibilidade do professor de cultura *Rikpàrti Kôkaprôti*, que nos assessorou com explicação de como se dá a competição. O mesmo é único professor na comunidade que fala e escreve na língua e colabora sempre que pode com a pesquisa.

Então é o seguinte é... a questão da flecha, ela tem material próprio. Antigamente quando cheguei a conhecer os mais velhos fazendo flecha, eles faziam de taboca. Antigamente eles chamavam de poré. Hoje eles estão utilizando tipo bambu. Chama canturé que é outro tipo de taboca. Então aqui já quase não tem mais isso (...). Então essa flecha é feita de com uma pena de arara (...) a ponta de... ela pode ser feita de pau darco ou outra madeira chamada canela de cacamim parece. Depois de tudo pronto, as flechas... aí vai ter uma competição de grupo. Se no caso são três grupo de peixe, arraia e lontra, aí cada um completa o seu grupo. Aí tem o grupo da arraia, tem o grupo

da lontra aí tem o grupo do peixe. Esses grupos vão disputar entre si. Só que nesses jogo, é uma disputa de distância. Quem joga mais longe, ganha o outro. Então é assim (...). *KÔKRAPRÓTI, Rikpàrti*. Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), 2017.

Aqui, o professor explica como é produzida a flecha, reiterando seu aprendizado com os mais velhos. No relato, podemos perceber certo saudosismo quando fala das transformações. Constatamos que, em virtude do novo contexto que estão inseridos (“um pe na aldeia e outro na cidade”), o uso das redes sociais e o processo de globalização, os jovens já não apresentam mais interesse pelas especificidades da cultura indígena. Em seguida, relata que, depois da confecção da flecha, é realizada uma competição entre eles, cada grupo organizado recebe um nome, que pode ser o grupo da arraia, do peixe e da lontra, cujo objetivo é alcançar a maior distância no lançamento da flecha.

Considerações finais

No presente trabalho conseguimos elaborar junto à comunidade Kyikatêjê um DVD, que está em fase de edição, a ser apresentado à comunidade em dezembro de 2017, por ocasião da formação dos alunos do ensino médio. Enfatizamos aqui que o material não se constitui de meras descrições de registros da cultura *Kyikatêjê*, mas busca registrar as vozes aos professores indígenas da aldeia, num processo de existência epistêmica na Amazônia.

Desse modo, íamos aprendendo com cada relato contado e fomos observando na prática como o conhecimento intercultural ia sendo construído. Observamos também que grande parte dos colaboradores indígenas sente a necessidade desse diálogo, pois há mais de 517 anos, tiveram suas vozes silenciadas e subalternizadas. Agora, procura-se externar a valorização de suas raízes e de seus ancestrais, assumindo o protagonismo de sua história.

As interpretações que fizemos, aqui (imagens e protagonistas indígenas), foram pautadas em Geertz (1989, p.13). Procuramos não divorciar do momento em que a realidade biossocial se deu dentro de um aqui – agora, ou seja, não separando as pessoas do lugar de suas ações, de seus contextos locais, uma vez que, ao contrário disso, suas atitudes poderiam tornar-se vazias de significado.

A pesquisa enfatizou a associação de práticas letradas locais com as identidades sociais dos sujeitos, tendo em vista a compreensão dos ricos significados desses letramentos para a

comunidade *Kyikatêjê*, principalmente como resistência na luta em prol da preservação suas riquezas de conhecimentos.

No âmbito escolar, a partir da pesquisa, criou-se a possibilidade agenciamento do sistema institucional escola como agregador da cultura local, assim como da cultura dominante, viabilizando o acesso à educação na perspectiva transcultural, isto é, o sujeito, além de ser retratado com um povo dono de saberes e histórias particulares que merecem ser postos com relevância nesse contexto formal, também se insere na identidade universal como cidadão de direito, tendo acessibilidade aos demais conhecimentos que obedecem às demandas sociais como um todo.

Por fim, o presente trabalho, muito além de descrições imagéticas, buscou evidenciar um projeto em andamento de valorização da memória cultural étnica do povo *Kyikatêjê*, tentando se manter longe qualquer representação ocidentalizada da visão de índio.

Referências

AJANÃ, J. *Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)*, 2017.

BRITO, A. R. *Perdas, atitudes e significados de vitalização entre os Kyikatêjê*. Universidade de Brasília-UNB, 2015. (Tese de doutorado).

KÔKRAPRÔTI, Rikpàrti. *Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)*, 2017.

FERNANDES, R. F. *Kyikatêjê: novos caminhos para aprender ensinar*. Universidade Federal do Pará, 2010. (Dissertação de Mestrado).

FERNANDES, R., CARDOSO, W. R. S, SÁ, J. D. M. *Os usos e a proteção da floresta pelo povo Kyikatêjê: soberania e autodeterminação*. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2012/rosani%20de%20fatima%20fernandes.pdf. Acesso em 20 set. 2017.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 13. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LUCIANO, G. S. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje*. Vol. 1, MEC/SECAD/LACED/Museu Nacional, Brasília: 2006.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009, 128 p.

STREET, B. *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramentos no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SANTOS, Izequias E. dos. *Métodos e técnicas da pesquisa científica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2001.

Recebido em 10 de outubro de 2017.

Aceito em 25 de novembro de 2017.